

5. PROLUSAM 19
GENETHLIACA

EM OS FAUSTOS AUSPICIOS DO
Nascimento da Real Alteza

DO PRINCIPE HERDEIRO, E SUCCESSOR.
dos Reynos de Portugal.

SECUNDO GENITO DAS MAGESTADES

DE DOM PEDRO II.

E DE MARIA SOPHIA

DE NEUBURG. REYS, E SENHORES NOSSOS.



POR
IATMESTEOTONIO DE NAXERA.
EM LISBOA.

Com todas as licenças necessarias.
NA OFFICINA DE DOMINGOS CARNEIRO, IMPRESSOR
das Tres Ordens Militares. Anno de 1689.



PROLUSAM
GENETHLIACA
EM OS FAUSTOS AUSPICIOS DO
Nascimento da Real Alteza,

20



ENHAIS ao Mundo embora,
Prole Real de Augustos Genitores
Do melhor dia a ser feliz Aurora,
E a coroar melhor q̃ a luz do dia
Os Montes da paterna Monarquia
Cõ tantas ditas como resplêdores,
E se atéqui no muyto que tardastes
Claramente mostrastes

Que ereis nossa fortuna, & nossa dita,
Agora possuido
(Occasionando vosso nascimento
Iguar contentamento
A ancia, com que fostes desejado,
Mostrai que fois o alivio suspirado
De esperança & tormento tam comprido;
Venhais outra vez digo,
Moderno Rayo de esplendor antigo
A rayar tantos montes,
Quantas no Mundo coroadas fronte
A vosso sangue fonte reconhecem
Da Magestade, com que resplandecem;
E a ser por vossas prendas
Consolaçam, alivio, refrigerio
Da saudade daquella antiga gloria
Dos soberanos Reys do Luso Imperio;
Tardou para ser grande esta ventura
A ancia de esperança tam eterna
Lembrou-se o Ceo da solidam Paterna,
Lembrou-se da estreitez a, & de sampara
Da prole extenuada, & consumida,
E deparou-nos successam tam nova;
Em esperança tam envelhecida:
Porque nam fora vosso Augusto sangue
De tanto preço a nam custar tam caro.
Eu me persuado, flor immarcessivel
Successam meiga. & prenda soberana
Do Monarca mais pio, & mais affavel;
Que vio já mais a Coroa Lusitana,
Que por isso tam tarde a manhecetam
Os auspicios de luz tam aprasivel,

E os Rayos de manhã tam agradável
Aos corações que há tanto vos esperam,
Porque se fora medos vagarosa
De tanta luz a conceiçam ditosa
Nom fahireis a luz com taes indicios,
E tam claros auspicios
De vos haver a mão de Deos gerado,
Prevenido, disposto, & preparado
Para commum universal proveito,
Nem nascereis no Mundo tam perfeyto;
Nem com tanta clareza
Nos dera a conhecer a natureza,
A excellencia de vossa indole rara,
Se em trazervos ao Mundo nam tardara;
Que huma estirpe gerada
Para fim de esperança tam antiga
Nam fora tam feliz, tam consumada;
Se nam custara à natureza, & tempo
Igualmente advertencia, que fadiga;
E que felicidade
Nam vaticinia ao Lusitano Imperio
Conceder-nos o Ceo tal refrigerio
No tempo da mayor calamidade?
Consegue Portugal, alcança o Mundo
Na venturosa prole
Del-Rey Pedro Segundo,
Da duraçam de sua vasta mole
Hum penhor, certo, huma fiança firme
Que hum Principe tam grande,
Que a penas nasce, quando desde o berço
Começa felizmente
A rayar Sol, & alvoroçar gigante
Os climas, & horizontes do universo;
Traz consigo o sinal mais evidente
De vir a ser do Mundo hum novo Atlantê;
Seguro annuncio Portugal alcança
De duravel bonança
Na liança gloriosa,
No fausto nascimento
Da prole mais augusta,
E da flor mais venusta,
Eterna descendencia
De Filippé Guilhelmos;
Porque ao quebrar do procelloso vaezo
Sempre no Septentriam nasce o Santelmo

Altros, que a mão de Deos prepara, & cria

Para reparação de antigos danos

Nascem frequentemente á luz do dia

Nos mais infauftos, & infelices atnos

Só para nos mostrarem

Que os guarda Deos com providencia summa

Para das duras oppressões dos fados

Nos mayores apertos nos remirem,

E delles tanto mais nos libertarem,

Quanto mais seus rigores nos ferirem;

Desde hoje para sempre

Do Martyr Sam Servando

O dia memorando

Será faulto festivo, & venturoso

Para o Reyno. fiel de Deos mimoso

Será dia sagrado

Sempre feliz para as acçoens de Pedro,

Digno de ser notado

Com pedra branca em incorrupto cedro,

Despois que a fé, & piedade rata

Deste grande Monarca

Rendendo ao Ceo propicio

As graças por tam alto beneficio

Eximiram das leys, da sorte avara

E do arbitru infeliz da escura Parca,

As clausulas. as horas

De dia tambem vindo, & tam alegre

Digno de ser enumerado, & posto

Na sagrada t femeride dos mezes

Do mais completo, & rematado gosto,

Feliz Auspicio de immortaes venturas

Aos Leons Portuguezes

Nas idades futuras;

Finalmente nacci doces primicias

Da planta mais fecunda, & peregrina,

Que quantas sacras, & Reaes bellezas

De Augustos parros secundou Lucina

A ser do Sceptro Portuguez delicias

E a ser logro, firmeza, investidura

Daquella rara, & singular ventura

Tantos seculos ha, vaticinada

Ao fundador da Monarquia Lusa,

Tanto mais firme, & mais perpetuada

No venturoso logro

De vosso nascimento,

Quanto mais fixos, quanto mais suaves
 Depois de hum rijo, & procelloso vento
 Os dias sam das Alceonyas aves,
 E quanto he mais constante, & mais seguro
 Depois do Noto, o bonançoso Arturo,
 Embale-vos a Glaya,
 Fermoza Ninfa, & carinhosa graça,
 Seja a sorte feliz vossa collaça,
 Pense-vos Amalthea,
 E a fallar vos ensine
 Esse eloquente Deos filho de Maya;
 Seja vossa ama Iuno,
 E a vosso Sceptro cedam
 As agoas, & tridente de Nepruno;
 No mesmo Berço, em que Hercules batalha,
 Se enfaye vosso esforço
 A cingir elmo, vestir fina malha,
 O mesmo leite, de que os Deuses bebem
 Pios, louvaveis, celestiaes costumes,
 E a creaçam conforme ao ser de numes,
 Ao qual a cor as açucenas devem,
 Vos nutra flor, vos alimente Marte,
 Instruam vos os Deoses
 Com tantos dões, quantos essa caterva
 Celestial com Pandora reparte,
 Seja Apollo vosso ayo,
 Devos tanto poder a mam de Iove,
 Que o ambito da tert a
 Vos tema nume, vos venere rayo,
 O melhor de seus dões vos dê Minerva,
 Nutra-vos a piedade
 Com tam suave, & liquida substancia,
 Que já desde a infancia
 Extinguido de todo o falso rito,
 Nos renoveis a duplicada idade
 Dos dous Monarcas Theodosio, & Tito.
 De Deos a providencia
 O dom vos dê sagrado
 De huma tam rara, & singular clemencia,
 Que a set venhais no Mundo venerado
 Pelas divinas inscripções, & nomes
 De delicias da tetra, & paz dos homens,
 A Ninfa izenta transformada em louro
 De Heroes Coroa, Idolo de Apollo,
 Vos açalante, & tragavos ao collo,

Thetis vossa madrinha
 Vos banhe, abrace, & lave
 No undoso Berç; & no salobre estanho;
 Mas seja com tal arte,
 Que nam tenhais no corpo alguma parte,
A que nam chegue o critalyno banho,
Veja-vos vosso Pay puxar do ferro
 Contra as Bisthonias barbaras falanjes,
 Tam mimoso da gloria, & da ventura,
 Que tempereis a Marcial segura
 Nessa fonte do Nillo, & foz do Ganjes,
 Sede Senhor, & Principe absoluto
 De quantos Reynos tyranniza na Asia |
 Aquelle barbaro insolente bruto,
 Que tenhor sendo, por antonomasia
 Por seu viver, & proceder protervo
 He da latcivia torpe escravo, & servo:
 Tudo quanto domina
 Esta fera Lernea Bizantina
 Desde o Indico Ocean, até o mar Ionio,
 De sorte ceda a vosso esforço, & brio
 Que exceda vosso vasto senhorio
A fortuna do grande Macedonio;
 Pois para a sorte, merito, & sujeito
 De hum su. cessor ditoso
 Del-Rey Pedro segundo,
 Segundo em nome, & no valor primeiro,
 (Liçaõ coarctada saõ, & mapa estreito
 Todos os Reynos, & nações do Mundo,
 E he limitado Sceptro hum Mundo inteiro,
 De tantos Avôs grandes
 Pela linha materna
 Raros exemplos de valor, & gloria,
 Mais que seguida, & mais do que imitada
 Se veja continuada
 De vossas obras na liçam moderna
 De sua exemplar vida a antigua historia,
 Dos Augustos exemplos
 De quantos Reys vos saõ Progenitores
 Vossas proezas, & marciaes suores
 Sejam retrato illustraçam tam viva,
 E tanto parecidas
 Com seu valor vossas acções se vejam,
 Que perplexas a gloria, o Mundo a fama:

Nam saibam distinguir o que mais sejam,
Se bellico furor do vosso esforço,
Se do seu braço historia successiva,
Sejam norma feliz de vossas obras
As piedosas acções, ilustres feytos
De hum Philippe, hum Volfango, outro Philippe,
De-vos os braços, crie-vos aos peytos
Da mesma Palas o mais fiel traslado,
Porque Sophia, ou Deusa das sciencias
Dous nomes sam hum só significado.

Esta gloriosa Mãe sempre triunfante
Piedosa, invicta, intrepida, & prestante
A toda a mais guerreira Menalipe
(Pois para haver de superar a Alcides
(Despojo hum tempo da sua bella Yole;
Nam costuma extinguir a viril prole,
Em estudos Reays vos exercite,
E á lição das virtudes vos excite,
Esta Augusta Belona
Tanto mais militar, mais Amazona
(Quanto he mais alentado, & generoso
Que o braço forte de Hercules robusto
De Fernando primeiro o sangue Augusto,
Em seus peytos vos dê doce sustento
Mais Marcial que o solido alimento,
Com que Chiron a Achilles, & ducava;

Seu celeste rocío
Em vos excite tal valor, & brio;
Que vencendo de Alcides
A sempre invicta, & vencedora Glara;
Vos mostreis digno herdeiro,
De hum Volfango primeiro.

Bem quizera eu agora
Huma penna da fama voadora
Para explicar, o nome, o fausto, lustre;
A grandeza, a fortuna, o nascimento
Do solar mais que o Sol resplandecente
De huma Anna Augusta de Juliers, & Cleves;
Se para os graos do seu mercçimento
As vozes do louvor mais eloquente
Nam foram linguas, & episodios breves;
E que ditas ao mundo nam promette
O nome, a gloria, o esplendor, a fama
De hum successor do forte Ludovico,
Entre os escolhidos entre Eleitores sette,

Solda nobreza entre outros tantos astros?
 Pois de seu filho o grande Palatino,
 Valfango digno Conde Ropotino,
 Serve de luz a tantos Horizontes,
 O Marcial, eterno, & claro exemplo,
 Que sustentando esta da fama o templo,
 Os arcos triumphaes destas duas pontes,
 Tam rico por heroes, por empresas
 He da Casa, & familia Palatina
 O incomparavel inclyto thesouro,
 Que qu'into mais se lhe profunla a mina,
 Tanto mais fino se desobre o ouro,
 Neste incorrupto Tronco,
 Fragrante flor de Augulta Primavera,
 Tendes tantos espelhos,
 Exemplares, & i eas tam preclaras,
 A que compor virtudes vossas raras,
 Que escaça providencia parecêta,
 Dar a hu n tam grande, eclarecido Netto,
 De heroes tam altos huma só Coroa,
 A luz do Sol cujo esplendor dourado
 He de si mesmo com luzido fasto
 Carroça, & guia, conductor, & estado:
 Por isso em todo o ambito dos polos
 Com amplo imperio dilatado, & vasto
 Universal Monarca se coroa:
 Porque estrella nam ha no firmamento
 De alto predicamento,
 Que ao Zenith da grandeza se remonte,
 De que nam seja luz, principio & fonte:
 E que estitpe, ou profsapia ha mais sagrada
 De Principe, ou de testa Coroadada.
 A qual nam participe
 Da Magestade & resplendor do sangue
 De Guilhelmo Fippe?
 E se vossa nobreza
 De tal sorte se explica
 Em os Rayos solares,
 Que illustra os mais excelos luminares,
 Que limite, que Imperio, & senhorio
 He campo sufficiente
 Para os Rayos de hum claro descendente
 Daquella alta profsapia,
 Tronco, & solar de Principes, & Heroes,
 A qual tantos Monarcas

Quantos o Mundo com suas leys moderam?
Devem, & reconhecem
A rezam, & justiça, com que imperam?
E que gloria, fortuna, ou benefício
Nam vaticina ao Lusitano Imperio
Liaremse nesta era
As aguias de Rodolfo
Coa Serpente feliz da Lusa Esfera?
Ou que occulto juizo, & que Mysterio
Podia ter haver o Ceo disposto
Que nesta doce, & venturosa idade
Se efeituaſſe com felicidade
Liança, & uniam de tanto gosto?
E que huma flor do Tronco mais venuste
Da sacra estirpe de Rodolfo Augusto
Renovasse a influencia
De seu excellſſo esclarecido sangue
Na Real Lusitana descendencia,
Se nam querer mostrar desta maneira
Que era bem vinda a hora verdadeira
Annunciada hum tempo em Profecia
Ao fundador da Luza Monarchia,
Em a qual por Celeſte Varieinio
Hum de seus descendentes memorando
Por ter do Mundo universal dominio
Havia repartir com Jove o mando?
E que era esta fauſtiſſima liança
Fim daquella firmiſſima Esperança,
E mais que auspicio, poſſe, investidura
Daquella auspiciſſima ventura?
E o dote de tam fauſtos Himineos
Eram tantos triunfos, & trofeos,
E anuncios tam faſtoſos de grandeza,
Que vinha a ſer o meſmo
Para Pedro Segundo
Ser conſorte feliz desta Princeza,
Que receber com ella em dote hum Mundo?
Veja-vos pois a Luza liberdade
Deste Tronco incorrupto
Flor prelibada, & verdadeiro fruto,
Renda-vos Culto, erija-vos estatuas
Noſſo Amor, noſſa ſé, nella vontade.
Huma perenne emulaçam louva el
Com noſſo amor vossa brandura affaveſ
Permanente tenha

Sobre qual mais exerce, & desempenha
 De bom Vassallo, ou Principe os officios;
 Ande sempre apostada
 Com nossa sujeiçã vossa clemencia,
 Sobre qual mais se esmera, & mais se apura;
 Se em encher vossas ley, nossa obediencia,
 Se vossa innata, & natural brandura
 Em fazernos mercês, & beneficios,
 Mova n-vos ao amor desta virtude,
 Huma, & outra Isabel piã, & Sanctas,
 Ambas vossas Avós, àmbas Rainhas
 Na piedade mais que nos poderes,
 De Heroes exemplo, gloria das molheres;
 Porque sô deste modo
 Sendo brando benevolo indulgente;

Dareis a conhecer na affeiçã pia,
 E inclinaçã de genio tam clemente;
 Que sois fructo de tam piedosas plantas:
 Segui tambem as propensões benignas
 De hum Pacifico Joam Duque de Cleves,
 A quem porque suas obras peregrinas
 Para a paz, & clemencia propenderam,
 O nome de pacifico lhe deram.

Desperte vosso esforço, & valentia;
 Carlos Duque de Clèves, & Gheldria,
 Que igualando na gloria na fortuna,
 Ao mayor Rey que teve Macedonia;
 Rompendo esquadras traspassando arnezes;
 Alcançou palmas repetidas vezes
 De Alberto insigne Du que de Saxonia.

Nos estudos da paz, & nos da guerra
 Os Vassallos tratai com muyto agrado;
 Porque desta maneira
 De todos elles vos fareis amado:
 E sem mais guarda, fortaleza, ou muro
 Vivendo amado, vivereis seguro.

Seram vossas muralhas
 Vossos baluartes, vossos parapeytos
 De vo'los fortes, & Leaes Vassallos,
 A fé, o Amor, os corações os peytos,
 Sem mais presilios, & sem mais tutela
 Guardarvos ha o Amor mais que a cautela;
 E que mais firme, & solido instrumento
 Das Coroas & Sceptros mais possantes;
 Que mayor palma; que mayor abono

Da gloria, & da fortuna, dos Reinantes
Que assegurar a vida, & estado o Tronco,
Na aura do commum contentamento?
E acabar com abrandura, & com a bondade
O que o rigor das leys nam persuade.
De hum grande Rey vosso Ascendente raro,
Que por virtudes, meritos, & nome
Consegue ser por excellencia o homem,
Se lee que nos escudos,
E nas quinas do Sceptro Lusitano
Intentou dar por timbre
Em lugar da Serpente hum Pellicano;
Deste modo explicando
Que os Reys do Lusio Imperio,
Que por brazam aquellas armas tinham,
Aos quaes o Amor, & propensam piedosa
Por successam, & descendencia vinham,
De tal forte eram Reys de seus Vassallos,
Que eram mais Pays no amor, que Reys no mandos;
E se as virtudes, com os Imperios se herdam,
Se as acçoens, & virtudes
Da primeira nobreza
Tem como natureza
Cujas acçoens naturalmente luzem
Nas producçoens, que da materia edusem;
Que esperanças o Ceo nam muda em posse,
Que refens, & seguros nam premette
De nos tornar aquella idade doce?
Que esperanças, que se nam persuade
De vermos renascidas
Nos feitos, nos costumes, nas sahanhas,
De vossa Indole rara
Daquelle Pay a singular piedade,
Daquelle, Rey as paternaes entranhas?
Nas liçoens, nos exemplos
Da piedade paterna
Sede novo exemplar norma moderna,
De-vos o Ceo, que justo remunera
A todo o filho que a seu Pay venera
De Scipiam o nome, & as victorias,
Por servirdes de animo, & de descanço
A hum Pay ché yo de dias, & de glorias;
A maõ de Deos vos faça
Fiel retrato copiz verdadeiro
De hum Affonso prínciro

Do Ceo mimoso, & delle tam bem visto,
 Que foy digno por obras, & por feyτος
 De ver com olhos corporaes a Christo,
 Conseguindo huma larga descendencia
 Pelo zelo, constancia valentia
 Com que soube plantar pio, & prudente
 Na regiam aonde morre o dia
 A Coroa mais firme, & permanente
 Ganhada, & conseguida.
 A ponta, & punho de sua forte espada,
 Rayo fatal do barbaro Agareno,
 Para elle ferrea, para nós doutada;
 Deixando-nos no Mundo
 De sua rara, Santidade & vida
 Tam copiosos immortaes exemplos,
 Quantos sagrados gloriosos Templos
 Extruhiu sobre as ruinas,
 E cinzas dos Pagodes de Mafoma,
 Templos tanto mais ricos, & sumptuosos,
 Dos que erigiu a nunes Fabulosos
 A vam superstiçãam da antiga Roma;
 Quanto mais se avanta
 O culto da catholica piedade
 Ao falso rito da Gentilidade.
 Deste esforçado Numa Lusitano,
 Que feliz goza da Regiam Etherea
 (Interprete de Oraculos divinos,
 Tanto mais evidentes, & infalliveis
 Que os que explicava a Numa a Ninfa Egerea,
 Quanto em mais fixo, & firme fundamento
 Exaltada se admira
 Do Luzo Imperio a dilatada mole
 Nos auspicios de vosso nascimento,
 Reparçam da extenuada prole
 Vaticinada a este Rey Invicto,
 E faça-vos Deus Imitador glorioso,
 Seja pregam ditozo
 De vossas obras de sua fama o grito:
 Tendes tambem hum crystallino espelho
 De Sancho Inycto, & forte
 Na prudencia, valor, & alto conselho,
 De vos a mam seu esforç ado braço
 Mais rijo, & forte do que ferro, & aço,
 Tam guerreiro, & teirivel,
 Tam Rayo militar, ta n invencivel,

Que nũa eterna marcial porfia
Carregou de despojos, & de gloria
As paredes do Templo da Memoria,
The que eximindo os povos do Algarve
Do torpe Jugo do Agareno Alarve,
E deixando os vassallos
Mais que a seu mando, a seu Amor sujeitos;
Emquieto & pacifico sossego
Mereceo ser por seus illustres feytos
De nossa saudade eterno emprego,
E porque o bom no merito-se estrive;
Celebrada serà sempre sua fama
Adonde sempre vive quem bem vive.
E celebrados seus merecimentos
Em tantos dons, & tantos monumentos
De seu animo pio,
Quantos thesouros em copiosa somma
Deixou no fim da vida,
Ao Sancto Padre, & Gram Pastor de Roma
Seja vossa Instrucçam vossa doutrina,
A obediencia devida
De hum Affonso segundo
Que com temor, & zelo reverente,
Com respeyto Catholico, & profundo
Obedecendo aos paterinaes decretos
Da Summa Santidade
Do Gram Vigario, & successor de Christo;
Como se fosse juizo competente,
Nam reparou com sujeçam submissa
Em remetter da propria authoridade
Fomentando coas rendas da Coroa
De seus Irmãos a sordida cobiça
Por conservar de tam pia obediencia
A excellente virtude
Tanto mais digna, & tanto mais louvavel
Na dureza daquellè tempo rude,
Quanto era menos reverenciada
Naquelle inculto tempo
Dos Reys do Mundo a espiritual espada,
E se a mais o obrigára, & constrangira,
A suprema tiára,
Da purpura Real se despojára,
E da mesma Coroa desistira,
Mova-mvos ao Amor, cultura, & estudo,
Da verdadeira Gloria,

Del Rey sancto Casello
 A inconstancia, omiffam, culpa, & defufo;
 De fua inutil frouxidam o vicio
 Vos incline, & promova
 Ao Amor, obfervancia, & exercicio
 Das virtudes mais arduas,
 Pois numa alta profapia
 Tal vez os exercicios indecentes,
 E reprehensiveis feytos
 De Ascendentes preclaros
 Servem de despertar feus descendentes
 Fazendo-os advertidos
 Para fugirem mais acautelados
 Daquellas culpas vicios, & defeitos
 De que ascendentes tam esclarecidos
 Vieram dignamente a fer notados.
 Heroe vos faça Ome-vos deprendas
 De hum Affonso Terceiro obraço forte
 Tam deftemido nas marciais contendas,
 Que por arte, doutrina, & por alentos
 Podia dar liçoens, & documentos
 Na escola militar ao Deus Mavorte,
 Este bom Rey foy tam valente, & fabio,
 Que foy por fuas obras
 No esforço Cefar, na prudencia Fabio,
 Seja realce de voffa clemencia;
 De hum Dionizio a liberalidade,
 Monarca na verdade
 Mais Indulgente, & liberal que Tito;
 E mais pio, & magnanimo que Ciro.
 Deste Rey memorando
 Daquelle tempo antigo
 Saudade eterna unico fufpiro,
 Se lee que era tam brando,
 Tam Amante, tam meigo, & tam amigo,
 E benovolo Pay de feus Vaffallos,
 Que todo o feupoder, & gloria punha
 Mais do que em dathes leys, em remediallos,
 De-vos o Ceo todas as boas partes,
 Que este grar de Monarcha feim feundo
 Teve por professor das boas artes,
 E finalmente o Mundo
 Admire em voz hyan pontual traslado
 Daquellas prendas, meytros, & dotes
 De que este Rey chegou a fer orjado

Por ser conforde, & esposo
Da melhor flor de Aragonêza planta
Muyto mais clara, & mais esclarecida
Do que por ser Rainha, por ser Sancta;
Rainha digo, & Sancta, & mulher forte,
Pois no mar deste Mundo fluctuante
Teve o temor, & amor de Deos por Norte,

Idea vossa seja, & vossa lima
Del Rey Affonso o bravo

A espada Marcial de tanta estima,
Que em fuzis desfazendo o Mouro ignavo,
Conseguiu ser suspensa, & pendurada
Na columna mais alta, & mais sagrada
Do Templo da memoria,

Foy Affonso por armas, & proezas
Gloriosa occupaçam da antiga historia,
E por triunfar das Agarenas feras
Mereceo ser o Quinto entre os Blavetas,
Do nome deste Rey guerreiro o invicto
Gravado em bronze, em porfidos escrito,
Ham de soar gloriosamente os eccos
Nos campos do Salado eternamente,
Fertilizados com immensos rios
De sangue Mauricano,
Sacrificado aos cruentos fios,
E gume de sua espada reluzente.

Seja vossa liçam Pedro primei o
De vosso Pay nas obras, & no nome
Predecessor, & Avo tam verdadeiro,
Que soy espelho enorna da julliça,
Deste heroico Rey do Sceptro Luzo
Em fazer beneficios tam profuzo,
Como contrario á mizera cobiça,
Se lee que aquelles dias
Em que honras nam fazia a seus Vassallos,
Por seus nam costumava reputallos,
Tinha hum tam raro, & tam exacto modo
De reger seu Imperio.

E com tal vigilancia examinava
Assim a culpa do que mal fazia,
Como a virtude do que bem obrava;
Que veyo aperfuadirle o Mundo todo,
Que tinha impulso, & dom de profecia,
Deste alto Rey, que felizmente soube
Premiar os bons, & castigar os vicios

De tal forte a memoria o nome entoa,
 Que nos p'opõem finaes, mostras, indicio;
 De que possue outra melhor Coroa;
 Pois he tradiçam pia, & voz corrente
 Que este gram Rey da Lusitana gente
 Por merece beneficio, & privilegio;
 Do Santo, & a Apostolico Collegio,
 Aquem com ira, & execraçam proterva
 Excitado de hum barbaro incentivo
 Astiages mandara esfolhar vivo,
 Que já tendo espirado,
 Conseguiu ser absolto de hum peccado:

Adorne vossa graça, & gentileza
 O resplandor, & gala de hum Fernando;
 O qual degenerando
 Da varonil paterna fortaleza,
 Foy froixo descuidado, & inconstante
 Quanto seu Pay foy justo, & bom reinante;
 Porque supposto huma Aguia outra Agnia gera,
 Tal vez em pomba a Aguia de genera,
 Vista vos peyto, cinjal-vos espada
 De Ioam valeroso a dextra armada,
 Joam digo, o primeiro
 Terror, ruina, & açoute de Castella,
 Aquem por sua generosidade,
 Por ser asilo, proteçam tutela,
 E defensor da patria liberdade,
 E por outras reays, & raras preñdas,
 Que neste grande Rey resplandeceram,
 De Pay da Patria nome aos nossos deram:

Deste Rey Invencivel,
 Gloria de Portugal, Terror de Espanha,
 Para a menor, & minima façanha
 Sam lamina apertada, estampa estreita.
 Os fortes muros, & Torrioens de Ceira;
 Porque despois de haver estabelecido
 Com belico canção
 O Sceptro Luzo á força de seu braço,
 Armando a dextra forte
 Contra as inficis Arabigas I-halanges,
 Nam descançou athe que em justa guerra
 Os I-hanos do Alcoram viu pòr por terra,
 Rebatendo, & embotando
 Os fios de seus barbaras Alfanges,
 Thé que cheyo de palmas, & de louros

Conseguiu

Confeguiu ser ainda a alemoís da Morte
Affombro de Hespanhoes. Terror de Mouros.

A Maquina do templo da batalha
Sempre eltarí de seus encómios chea
Em quanto houver no Mundo quem os lea,
O Campo Marcial de Aljubarrota
Sepulcro horrendo do Espanhol inbelle,
De Megèra espectáculo funesto
Mudando a cor, & perturbando o gesto
Ao passajeiro, que passar por elle,
Lhe trará á memoria,
Deste bom Rey a fortaleza, & gloria!

A este Principe Invicto
Deu de boa memoria nome o Mundo,
Por merecer na fama, eterno grito.

Tendes da mesma gloria hum claro espelho,
Na prudencia, & cortelho
De hum piedoso, & Catholico Duarte,
Prudente Rey por natureza, & arte,
Mas muyto mais por ser norma, & preceito
De huma exemplar piedade,
Pela Constancia Zelo, & Christandade,
Com que soube antepor de Deus a honra,
A qualquer outro temporal respeito,
Escolhendo mil vezes,
Por mais honelto, & licito partido,
Deixar morrer a seu Irmaõ em ferros,
Do que ver os Altares de Deus Vivo,
Torpes Mesquitas de profanos erros.

Veja em vós Portugal hum Quinto Affonso,
Mimo dà gloria, & do valor modèlo;
Que por ser do Agareno
Terror, ruina, oppressam Flagèllo,
Com mais justiça que Scipiam Romano,
Mereceo ter o nome de Africano,
Nam entrando em batalha
Com aquella vil, & sordida canalha
Da qual victorioso nam sahisse;
E a Cinza os infreis nam reduzisse,
Seja tambem vosso Incentivo Illustre
De empresas generosas
Hum Ioam o Segundo,
De cuja vida, & obras gloriosas
Seu incorrupto corpo he pregoeiro
Rey Magnanimo, & pio

A quem

A quem a terra tributando obsequios,
 Para mostrar quanto o deseja vivo,
 Depois de morto inda o conserva inteiro;
 Este Monarca Augusto
 Por sua piedade
 Nosso Amor, nosso bem nossa saudade,
 (Que por ser tam amado,
 Ha de ser suspirado,
 Eterna idade, mais que tempo longo,
 Foy o primeiro que com zelo justo
 Extruhiu templos em Angola, & Congo;

Digam nossas Conquistas,
 Quantas obrou proefas,
 Em huma eterna Marcial peleja
 Por propagar os limites da Igreja,
 Rey tam perfeyto em summa,
 Que por ser por suas prendas,
 Na guerra hum Scipiani, na paz hum Numã
 Conseguir pode a fama de suas obras,
 Fizesse delle o Mundo hum tal conceito,
 Que por antonomazia
 Mereceo ser o Principe perfeyto.

Hum Pay que ama a seus filhos,
 Nam he possivel possa tanto amallos,
 Quanto este Rey amava a seus Vassallos,
 Era tam observante
 Das Leys que promulgava,
 Que em si primeiro as executava;
 Se a caso traifar sedas prohibi,
 Da lam de menos preço, & mais commua,
 Primeiro que algum outro se vestia.

A este Monarca sempre memorando
 Padroens eternos a memoria extrua,
 Por ser tam jo, mansueto, & brando,
 Que parece chegara
 A ser nelle a piedade
 Mais natureza, do que qualidade.

Nam houve miseravel,
 Que em presenca de Rey tam exoravel
 Lagrymas derramasse
 As quais o seu favor nam enxugasse.

Quando algum Reo se conde nava a mercede,
 Comumente em degredo,
 Lhe commutava a pena do supplicio,
 Dizendo nam ser justo,

Nem proveitoso, & congruente ao estado,
Que a fim morresse inutilmente hum homem,
Que podia morrer como soldado,
Pagando em mais honesto sacrificio
Em huma das Conquistas
A mesma pena com diverso nome.
Foy delicias da Patria honra do Sctetro,
Norma da fé, exemplo da grandesa,
E de mancira soube,
Conciliar clemencia, & fortaleza,
Que a deixar veyo o Reyno duvidoso,
Sobre se foy mais forte, ou mais piedoso.
Sua memoria será sempre eterna.
E em quanto as leys ilustra, & o Sol aclara,
Soará sempre a esclarecida fama
De seu valor, & piedade rara,
Para que os Reys do Mundo
Os gloriosos documentos tomem
Daquelle Rey, que por seus dignos feytos
Conseguiu ser unicamente ser o homem.
Mostre-vos novos mares, & Conquistas
No ambito da Terra nunca vistas,
De hum Manoel magnanimo a fortuna,
Tanto mais que a de Cesar opportuna,
Que seja o mesmo yellas,
Que fazereis vos Rey, & Senhor dellas,
Este Rey foy dotado
De hum coraçam tam grande, & dilatado,
E reve entendimento tam profundo,
Que adquirio no Oriente hum novo Mundo,
Pois para a honra, adoraçam, respeyto
Nam só era apearado hum só sumisferio,
Mas he todo o Mundo ainda curto Imperio,
Foy este Rey o que passou o cabo
Sempre soberbo, procelloso, & brabo,
Chamado o Tormento, io Pronontorio,
Fazendo tam temido no Oriente
De sua espada o relusente gume,
Que com baldada injusticia inrenta Ozorio
Seus feytos reduzir a hum só volume
A mentiroza inscripçam apague
Hercules o Thebano,
Das columnas do estreito Gaditano,
Que deste Rey Intrepido, & prestante,
O forte braço passou inda avante,

Era este Rev^m im indulgente, & brando,
 E moderava do governo as reideas
 Com tam suave, & abençoado mando,
 Que qualquer pobre, & minimo Vassallo;
 Que se amparava de sua real clemencia,
 E a seus pés se prostrava,
 Quando o buscava Rey, Pay nelle achava;
 Este Rey sim que soube
 Enriquecer o Oriente
 Com immenso Thesouro,
 Tanto mais rico do que prata, & ouro,
 Quanto he mais rico o resplandor da gloria;
 Com que se poz com o Sol em paralelo
 Sem mais cobiça que a piedade, & zelo
 De extinguir toralmente o paganismo
 Nas sagradas correntes do baptismo,
 Assegurando a si, & aos successores
 Tanto mayores glorias
 Das que alcançaram seus Progenitores
 Em repetidas marciaes victorias,
 Quanto mais verdes, & viçosas palmas
 Lhe grangeou o emprego
 De alumiar milhares tantos de almas;
 Embebidas no culto errado, & cego,
 Com a viva luz de hum resplendor tam viva;
 Que sendo cá no Mundo se escura
 De Deos na eternidade he visam pura.
 De saudades deste Rey piedoso
 Nam serãr nosso olhos nunca enxutos
 Pela clemencia, & liberalidade,
 Com que sua vontade
 Constante, immovel, provida, & propicia
 Soube ser nosso amor, nosssa delicia
 Honrando com mercès a fé nos nobres
 Premiando os bons, & aliviando os pobres
 De sizas, de gabellas de rributos,
 Foy de Deos dosti, & as que exerceo virtudes
 Que foy dom de tal maõ nos manifestam,
 E a dejesallo vivo inda admoestam:
 Porque se Manoel o mesmo soa
 Que Deos com nosco, Deos com nosco esteve
 Em quanto este bom Rey teve a Coroa
 Lulitano, & do Sceptro as reideas teve.
 Em vos se eduque hum perseyto Heroe
 Todas compondo em vós as boas partes,

E todas as honestas disciplinas,
Nam meenos as sciencias mais divinas,
Que as mais humanas, & piedosas artes
De hum loam o Terceiro,
Monarca verdadeiro
Pelo piedoso estudo,
Erudicam, cultura, & diligencia,
Com que empredeo sua real clemencia
Trazer ao Mundo o seculo dourado
Na duraçam de seu feliz reinado,
A Minerva rogado edificando
Nam gentiificos Phanos,
Porèm escolas, aulas, & cadeiras
Tanto mais felizmente graduadas,
Por commendaveis mestres & sujeitos,
Quanto sam mais illustres os preceitos
Das artes, & sciencias verdadeiras,
Do que as lições, & varios desvarios
Das erradas escolas dos Gentios,
Seu Catholico zelo
Será sempre applaudido
Pela industria, & delvelo,
Com que fez erigir pio & provecto
Nas vastas regiões de seu dominio
Tam Santo officio & tribunal tam recto
Tam diligente justo, & vigilante
Contra a heretica crença, & pravidade,
Que deve Litia a tam feliz Reinante
Será gema, & Zenith da Christandade.

Com vosso Inviecto esforço a campo laya
Hum Sebastiam intrepido guerreiro
De vosso Pay retrato verdadeiro,
Que como forte, & valeroso Athleta
Nam recusou expor o peyto forte
Pela defenza da mais pia causa
A aguda ponta da mais impia setta,
No mesmo campo em que a adversa forte
Com a victoria lhe tirou a vida,
(Se bem nam pode usurparlhe a gloria
De receber em outro melhor Reyno
Os parabens, de mais rara vitoria,)
Veeja-se vosso braço
Tomar com Marcial brio
Da morte deste Rey justa vingança,
Seja huma a causa, outro o successo seja

E a vossa espora a seu esforço se unia
 Com gozo zeloso, & com melhor fortuna,
 Vivei, & tanto vossa vida dure,
 Quanto ha de durar, & vai durando
 A baldada esperança
 Deste Monarca sempre memorando,
 Para que o Mundo diga
 (Vendo aliviada aquella pena amarga
 Em virtude do gozoso & prazer doce
 De vos vermos viver vida tam larga,
 Que daquella esperança tam antiga
 Vós fois alonga, & suspirada posse.

De governar Imperios
 As artes & preceitos vos explique
 A condemnada idade de hum Henrique
 Por dotes, & virtudes,
 E pelo esmalte de seu sangue regio,
 Resplendor do Apostolico Collegio,
 Tam grande Rey, que nos annaes da fama
 Nam pôde haver quem dignamente o exalce,
 Pois foy digno por sangue, & por talento
 De ser de ambas as purpuras realce.

A mão de Deos conserve vosso estado
 Era tam longa, idade tam comprida,
 Que a ter venhais mais annos de reinado,
 Que dias este Rey teve de vida.
 Seja vossa liçam, vossa doutrina
 Vosso Paterno Avó Ioam o Quarto
 Da mesma gloria venturoso parto,
 Aquem de Astea o juizão recto
 Adjudicâra o Sceptro, & a Coroa,
 Por ser do Duque Dom Theodosio filho,
 E del-Rey Dom Manoel Terceiro Netto.
 Este grande Monarca,
 E oytavo entre os Duques de Bargaça
 Restituindo-se à Augusta herança
 Com exemplo, & fortuna nunca vista
 Do proprio patrimonio fez conquista,
 Expondo o estado, o credito a pessoa
 A todo o insaulto infeliz successo,
 Com que a sorte inimiga, & fado adverso
 Podia malograr tam ardua empresa,
 Conseguiu eximir a Croa herdada
 Do servil jugo, & sujeiçam pesada
 Na era insaulta, em que era mais escrava

E nella a tyrannia mais reinava;
Triunfou a justiça da violencia,
E pode mais que a força a natureza,
E o que mais os vindouros
Ham de admirar nos seculos futuros;
He que sem dar batalhas,
Sem verter sangue, nem romper muralhas;
Sem tomar armas, nem galtar thesoutos.
Emptendeo a obra, & conſiguiu o intento
Foy noſſa gloria ſeu celeſte impulſo,
Sua ſeiz acclamaçam lograda,
E noſſa honra entam recuperada,
Poſſuhio muyto tempo o Sceptro avulſo;
Moſtrando ao univerſo
A justiça, que tinha para herdallo
Na dita com que ſoube conſervallo,
Eſte Rey, eſte Atlante, eſta Columna
Do Lulirano Imperio,
A quem a ſempre voadora fama
Com muyta razam chama
O de boa fortuna,
Foy da ventura tam mimoſo emprego,
Que para interromper ſeu feliz curso,
Nam teve manhas o Cavallo Giego,
Por mais que os inimigos
Lhe traçãtam ciladas, & perigos,
Em que a perder vieſſe
Aquella juſta glorioſa poſſe,
Que era noſſo intereſſe.
Tanto do Reyno a paz nam pertubãram;
E o fio de ſeus triunfos nam cortaram,
Que a ſervit lhe vietam
De fazer mais bizarro
De ſuas glorias o triunfante Catro.
Por mais eſforços que as Iberas hoſtes
Pot pertubar eſte gram Rey fizeram
Com poder formidavel,
De ſeus apparatusos movimentos
Nam puderam tirar mais que argumentos;
E firme defengano
De que era inconquiſtavel
A Cotoa do Sceptro Luſitano.
A dor da morte deſte alto Monarca;
De cuja vida intempeſtivamente
Correu o fio, a envejosa Parca,
Em noſſas almas durará tam viva;

E em nossos corações tam permanente,
Quando for da morte intempestiva,
 Prolovam-vos a palmas & trofeos
O nome, & o valor de Affonso Sexto,
Honra de Portugal, mimo dos Ceos,
Monarca tam feliz, tam bellicoso,
Que por conflictos, & successos varios
Em que sempre triumphou de seus contrarios,
Com razam lhe chamaram victoriosos,
Esse Principe Invicto
Teve tal nome, & fama, & tal boato,
Que foy no esforço, & força hum Viriato;
E que muyto que em huma Monarquia,
Onde hum Pastor nasceo com tantos brios,
(Que ensanguentou da sua espada os fios
Nos Maximos, nos Claudios Unimanos,
Sendo açoute, & flagello
E escandalo das glorias dos Romanos,
Hum Principe nasceffe,
Que no esforço & fortuna o excedesse?
Seu incorrupto nome
Será perpetua occupaçam da historia,
Suas temidas, invenciveis armas
Dignas seram de huma immortal memoria;
Pois foram tantas, tam innumeraveis
As palmas, & trofeos, que conseguiram,
Tantas praças, & exercitos venceram
Que se com os seus olhos nam as viram
Os mortaes, que hoje vivem, nam as creeram
E leve vos tambem da gloria ao Templo
Vosso Piedoso Pay Pedro Segundo,
Honra do Sceptro, & resplandor do Mundo
Na arte de Rcy nar inclyto exemplo,
A emprender dignas obras vos animem
Suas açoes, & gloriosos feytos,
Que sempre os mais domesti cos preceitos
Em nossos corações melhor se imprimem,
Porque muyto mais move
O que se vé, que aquillo que se ouve,
E que obra, ou feyto ha digno de estima,
O qua l em varões grandes resp lardeça,
Que em vosso Pay Augusto se nam louve,
Com seu louvor vosla virtude cresça,
E em vosso braço seu esforço influa,
Seu digno exemplo vosso impulso seja,

De forte que outro Pedro em vos se veja
A vós Augusto Rey grande Monarca
Do mais feliz & venturoso Sceptro,
Que illustra o Soldourado
A fama a gloria a Deos ao Mundo aceito
Igualmente por ser por Deos fundado,
Que por viver a vossas leys sujeito,
A vos promette meu Canoro plerro
Muyto a pesar da deshumana Parca
Eternos annos de perenne vida
Quando mais anuncia, entoa, & canta
Applausos no géral contentamento
Do sempre faulto & bem chegado dia
Do alegre suspirado nascimento
Da melhor flor de tam sagrada planta,
A vos Monarca excelto
E Rey por muytos titulos Augusto
No prazer digno no alvoroço justo,
Com que applaudimos, com que festejamos
Os plausiveis auspicios
De tam Reaes, alegres natalicios,
De superardes de Nestor a idade
Com segurança os parabens vos damos.
Antes mais propriamente
Vos damos parabens, Monarca Invicto,
De vos veres a esta hora renascido
Tornando & restituido
Por beneficios & mercés celestes
Ao venturoso dia em que nascestes;
Que se no filho o Pay se perpetua
A vida deste vosso Augusto filho,
Mais propriamente he vossa do que he sua;
Vivei, triunfai, Monarca Invicto, & pio
E com grande mysterio reservado
Para mais dilataro senhorio
Empunhai tantos sceptros, tantas palmas,
E cingí tantos louros,
Que nenhum ramo deste tronco cresça
Mais que por cotoar vossa cabeça,
Defenda o Ceo com tutelar cuidado
Huma vida, que anima tantas almas,
Faulta a fortuna vos prospere as glorias
Faltando vos a hum tempo
Aos annos conto numero ás victorias,
Auspicio seja dos trofeos gloriosos,

Que em mar: successos vos esperam,

De tan a prole o eterno logro,

Seja esposo da forte vosso filho,

Preze-se a dita de vos ter por sogro:

De-vos o Ceo o gosto

De vos verdes de posse

Do doce fim de nossas esperanças,

Tanto mais felizmente terminadas,

Quanto se vem melhor desempenhadas

No fructo de tam prosperas lianças,

Vejam-se vossas remontadas Quinas

Partir o mando, & germanar os voos

Com ds Aguias Latinas,

Vossos ferros arrastre o Bizantino,

E obedecendo a vosso jugo perca

O nomee a mar negro o ponto Euxiuo;

Vosso braço invencivel

Seja fatal, & funcbre Cometa

Das fulminadas, & minguentes Luas

Do falso, infame, & perfido Profeta,

Depare-vos o Ceo, de-vos a gloria

De verdes voss o filho

Lançar ao Thracio Bosphoro hum rastrilho;

Por onde passe vossa gente forte

A conquistar a regiam adonde

O Autor da vida nos livrou da morte,

Passai Monarca Ingente,

A possuir aquelle vasto Imperio,

Que ha seculos, vos foy vaticinado.

Mas seja de maneira

Que leveis vosso filho ao vosso lado,

Em esta guerra, & expediçam guerreira,

Porque lo deste modo

Cingindo, & occupando

O lado de tal Pay, & tendo a dita

De seguir a fortuna, & dextra invicta

De hum Rey Pedro Segundo,

Partindo vós com elle o Mundo, & mando

Dividirá com Jove o mando, & Mundo.

Quanto Apollo o ficioso

Vè, illustra illumina

Com a luz de seus rayos perspicazes

Seja vossa conquista,

Rendam-se os Persas, sirvam-vos os Thraces;

De vosso nome o formidavel grito

Abraze rayo o Mahometano ritõ,
 A mão de Deos cujo rigor se aplacã
 Com a viva fê de quem seu nome implora,
 De tal maneira ampare
 A vossa espada sempre vencedora,
 Que chegueis a fazer tenda, & barraca
 Da mesma diabolica Mesquita,
 Que nam quer conhecer por Deos a Christo,
 E adora por Profeta hum Antechristo,
 Veja-vos Rey do Mundo quem vos ama,
 De-vos seu mando Deos que tudo pôde,
 E sobre as ruinas do mesmo Pagõde
 Hum templo se edifique á vossa fama,
 Porque hum Principe pio
 De Reys tam dignos descendente, & Neto,
 De pays tam pios, imitaçam, & prole,
 Pedc a razam que ponha a ferro & fogo,
 Que sopee, destrua, abraze, a sole
 A sepultura, & culto de Mahometto;
 E porque a voz, & narraçam antigua
 De haver Fenix na Arabia;
 Desde hoje para sempre seja crida,
 E nam pareça apocrifta & fingida,
 E para que feliz a Arabia seja,
 Vosso mando ditoso
 Nella qual Fenix immortal se veja,
 Do Mundo a idolatria desterrando,
 E sepultando no profundo abyfino
 A vã superstiaçam do paganismõ
 Atè ser vossa a posse
 De quãta terra ao bravo mar faz doce,
 De Deos a mão suprema,
 De cuja perfeiçam, & ser fecundo
 Todas as creaturas
 Analogicamente participam,
 E em dões humas a outras se anticipam,
 Vos dê prole, & familia tam copiosa,
 Que para successam tam numerosa
 De Monarcas & Principes reynantes
 A ser nam cheguem clausulas bastantes.
 Todos os Reynos, Regiões, Imperios,
 Provincias, horifontes, & hemisferios
 Da redondeza, & ambito do Mundo.

FINIS LAUS DEO!